

Aproximações, xilogravuras de
Fabrizio Lopez e J. Miguel

Aproximações, xilogravuras de **Fabrizio Lopez e J.Miguel**

curadoria
Germana Monte-Mór
Humberto Werneck

exposição de 19 de maio a 07 de agosto



São Paulo 2010

Diferenças e Aproximações – Fabrício Lopez e J.Miguel

O objetivo do Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro – IIPB – de mostrar as diferenças e as aproximações foi o que nos levou a estes dois artistas. Fabrício é paulista de Santos e J. Miguel, pernambucano de Bezerros. O primeiro é considerado erudito, o segundo, popular. Ambos são xilogravadores e se conheceram quando decidimos mostrar o trabalho dos dois em conjunto na Galeria Estação. Enviamos o Fabrício a Bezerros e ali, ao longo de sete dias de janeiro deste ano, ele e J. Miguel trocaram experiências acerca de suas obras.

Testemunhas desse encontro foram os curadores Germana Monte-Mór e Humberto Werneck, que, no seu texto para este catálogo, relata com precisão e sensibilidade os dias passados com os artistas. Não foi fácil, mas foi enriquecedor. Voltaram trazendo na bagagem alguns trabalhos a quatro mãos, fato inédito até então. Além dessas, a exposição mostra uma série de novas xilogravuras de cada um deles.

Esperamos que nossa ousadia seja recompensada pela aceitação do público visitante da mostra. De qualquer forma, nós e os artistas já nos sentimos felizes. Conseguir aproximar aquilo que parece diferença é o que mais nos gratifica.

E você, o que acha?

Vilma Eid
Presidente IIP



J.Miguel e Fabricio Lopez,
Bezerros 2010,

O que é que estes dois estão fazendo juntos aqui?

A não ser pela arte a que ambos se dedicam, a xilogravura, bem pouca coisa eles têm em comum. Prestes a completar cinquenta anos de idade, J. Miguel, o pernambucano José Miguel da Silva, vive e trabalha em Bezerros, cidade de 60 mil habitantes a uma centena de quilômetros do Recife, e o que produz costuma ser classificado como arte popular, povoada de temas e personagens do folclore e do Nordeste brasileiro. Fabricio Lopez, por seu turno, mal entrado nos trinta, vive no eixo bem mais cosmopolita de São Paulo e Santos, sua cidade natal. E, embora não se sinta confortável no rótulo, é como artista erudito que em geral o veem, e não exatamente pelos títulos universitários que tem em seu currículo. J. Miguel cava na madeira imagens de pequenas dimensões, por vezes limitadas aos 16 x 11,5 cm de um folheto de cordel. Fabricio, ao contrário, gravador que vem da pintura e da criação de cenários, cada vez mais se espalha em grandes formatos, como os 2,20 x 4,80 m de um de seus trabalhos nesta exposição.

Se estão juntos aqui, é justamente em razão de suas diferenças – para que, postas lado a lado, entre a obra de um e de outro se busquem aproximações.

Nessa proposta de diálogo, partiu-se do zero: os dois artistas não se conheciam até o final de janeiro deste ano, quando, com vistas a uma possível mostra conjunta, providenciou-se o primeiro contato entre eles. Resultou mais fácil que Fabricio fosse até J. Miguel em Bezerros do que este descer até Santos, ao amplo ateliê que o jovem colega mantém na sobreloja de um velho prédio no Valongo, o bairro onde há 464 anos a cidade começou a nascer. Levava uma ideia que viria alargar o escopo e o alcance da exposição: imaginada no início como justaposição de dois universos, o popular e o erudito, quis Fabricio que houvesse entre eles uma ponte, sob a forma de xilogravuras criadas a quatro mãos.

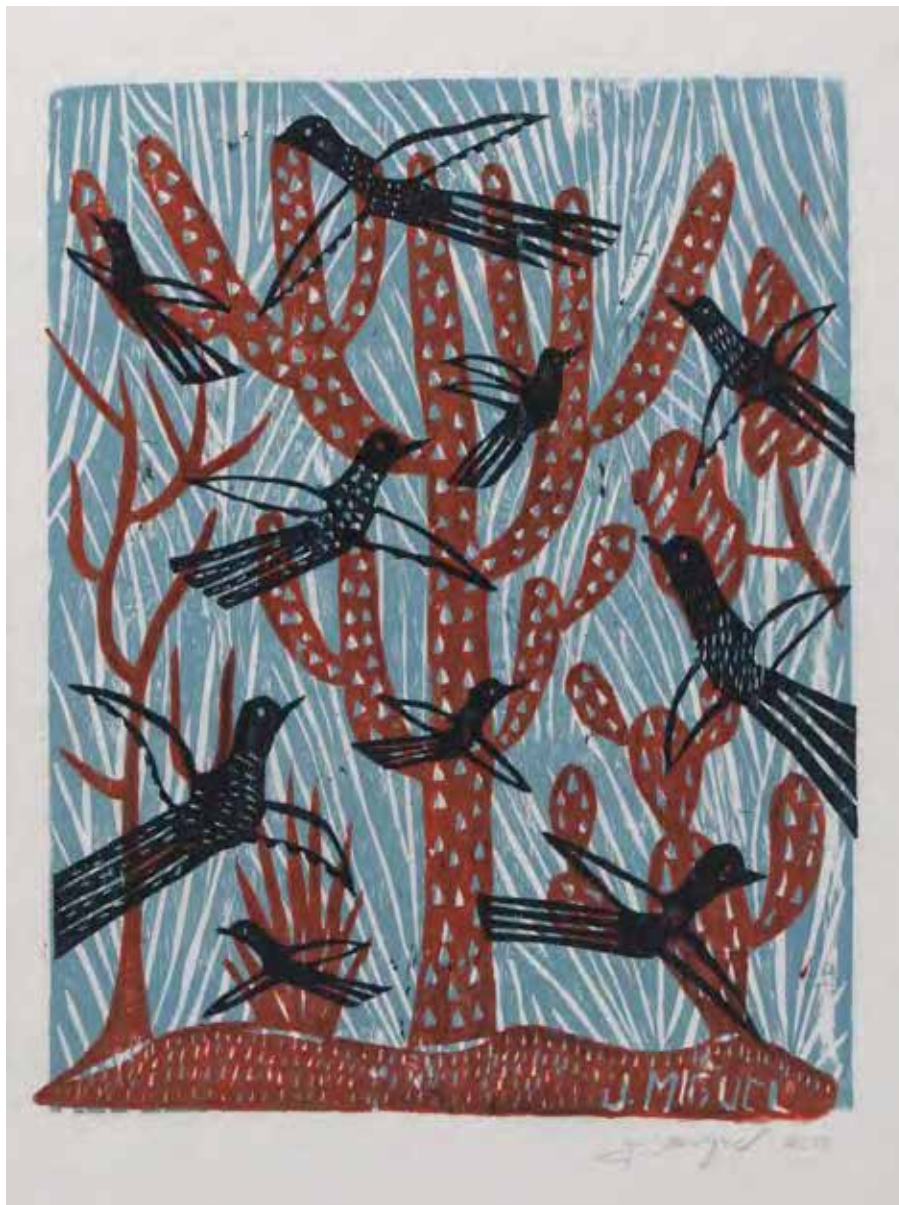
Foi essa ambição que ocupou os dois artistas ao longo de seis dias, nos quais trabalharam das sete horas da manhã às cinco da tarde, abancados a uma comprida mesa na Casa de Cultura Serra Negra, em Bezerros, às margens da BR-232, que liga o Recife a Parnamirim. Não se trata exatamente de um ateliê, mas de uma antiga oficina gráfica, posta de pé em 1986 pelo padrao de J. Miguel, José Francisco Borges (1935), o J. Borges, fundador e figura central de uma verdadeira dinastia de xilogravadores – mais do que isso, principal responsável pela conversão de Bezerros num importante polo de produção de arte popular. Hoje a feia casa térrea é mais loja que ateliê, aos cuidados dos filhos artistas do velho Borges, que pouco aparece ali, recolhido – mas ainda ativo –, centenas de metros adiante, nas margens da mesma estrada, a um memorial que leva seu nome.

Fabricio chegou a Bezerros animado com a possibilidade de que a experiência conjunta viesse a contribuir para diluir as fronteiras entre o popular e o erudito – fronteiras que, para ele, são mais “coisa imaginada, criada”. A seu ver, “tem imagem que funciona e imagem que não funciona; tem imagem original, que parte de um impulso criador, e tem imagem mecânica”. Para o jovem artista e professor, “é na imagem que a coisa se resolve”.

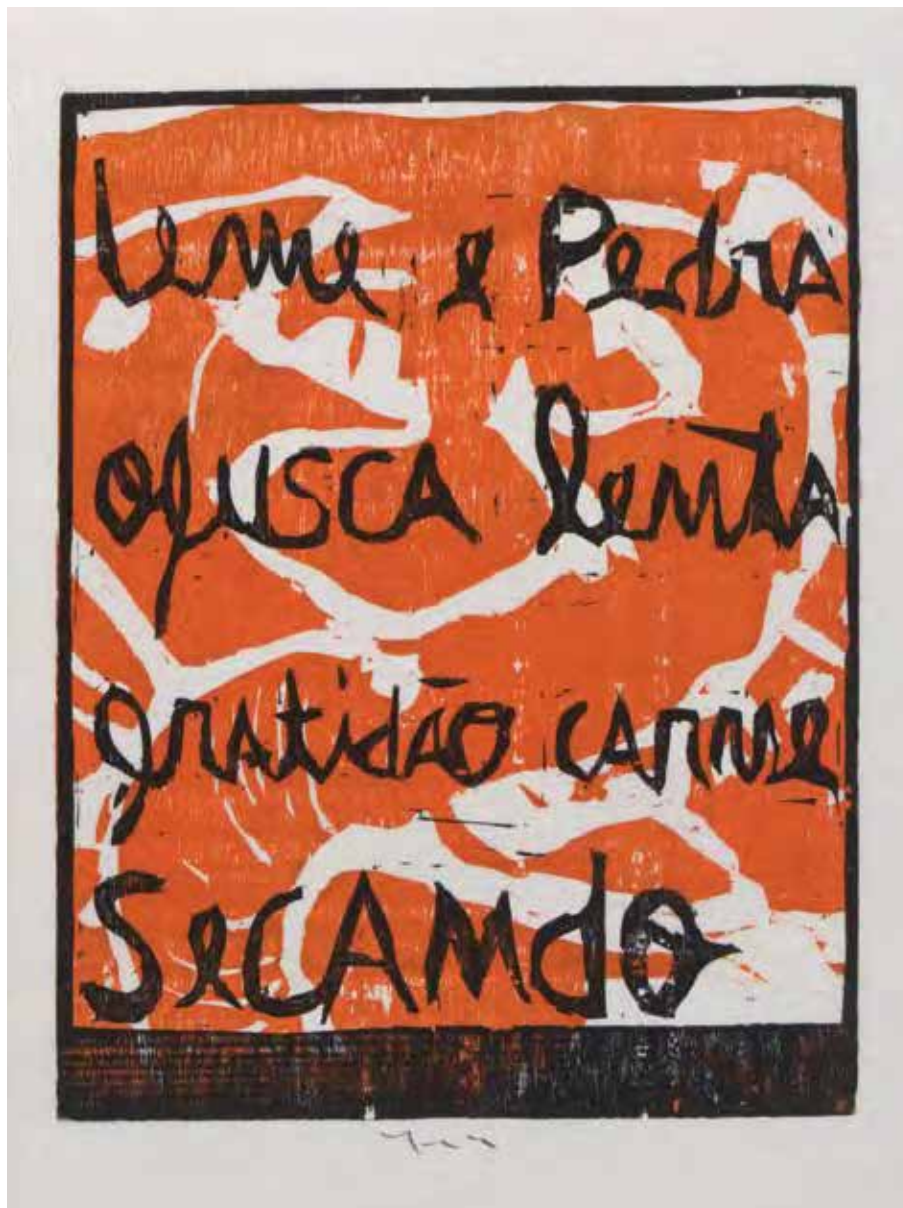
Se para ele aquelas fronteiras são algo pelo menos discutível, por outro lado não era o caso de tentar ignorar as diferenças entre o seu trabalho e o de J. Miguel, e, mais ainda, entre os processos de criação de um e outro. Implicaria, claro, cada um sair um pouco de seu trilha habitual – deslocamento que, pensou Fabricio, poderia ser muito positivo, na medida em que provocasse em ambos o estimulante “desconforto” que por vezes brota das “situações adversas”.

Embora confiante, Fabrício não tardou a se dar conta de que havia dificuldades pela frente. Para começar, J. Miguel não ficou exatamente empolgado com a possibilidade de produzir xilogravuras a quatro mãos. Na sólida escola de J. Borges não é assim que se trabalha. Na verdade, tudo era diferente entre ele e o moço recém-chegado do Sul do país, do repertório ao papel com que se imprime. Entre os gravadores de Bezerros se usa apenas sulfite – nada a ver com as sofisticadas alternativas que Fabricio levou na bagagem, o Fabiano Rosaspina, de algodão, e as variações de kozo, papel japonês feito a partir das fibras longas de um arbusto. Nenhuma das duas, fez saber J. Miguel logo de saída, se prestava ao método de impressão vigente em Bezerros, onde, em vez de prensa, se emprega colher de pau e um tosco e engenhoso “carrinho”, como o instrumento foi batizado, no qual cilindros de mangueira atravessados por um eixo de metal rolam e premem o papel para decalcar a imagem.

E não era só. Nos usos e costumes locais, as cores numa xilo jamais se sobrepõem, estão sempre justapostas. Foi o que J. Miguel aprendeu vendo o padrao trabalhar, e foi assim que, aos dez anos de idade, pela primeira vez cavou madeira para criar xilogravura. Ou mesmo antes, informa o velho Borges, que se lembra de Miguel aos cinco anos a arriscar imagens na superfície de retalhos apanhados no chão do ateliê paterno. Aquela foi a sua escola, e aquela foi a sua sorte, crescer à sombra de um mestre – o qual, como se sabe, se fez sem o benefício de sombra alguma, já nos seus vinte anos,



J.Miguel, 2010
sem título
xilografura
41 x 31,5 cm



Fabrício Lopez 2010
sem título
xilografia
41 x 31,5 cm

no mais desamparado autodidatismo, pela necessidade de ilustrar cordéis para ganhar a vida. “Entrei na arte no escuro”, costuma dizer J. Borges – e, para provar que não está exagerando, conta uma história: já com algum caminho andado, ele nem sequer sabia que sua arte se chamava xilogravura, teve que ir ao dicionário quando ouviu a palavra pela primeira vez.

Tudo o que sabe, J. Miguel aprendeu com o padrao, de quem, já quase cinquentão, com modéstia que não é para ser levada muito a sério, ainda se declara “estagiário”. E, tendo aprendido com ele, nunca pôs cor sobre cor.

Não é por aí que vai Fabricio Lopez, afeito, ao contrário, a construir a imagem por meio de sucessivas camadas coloridas, que tanto se somam como se anulam. Para ele, há nisso um pouco de brincadeira, até, um carimbar meio lúdico, por vezes guiado não pela pretensão de chegar a um lugar determinado, e sim pelo gosto da aventura. Quanto à eventual intervenção de mãos alheias em trabalho seu, acha que ela pode até ser bem-vinda. Conta que frequentemente lhe aconteceu de criar junto com outros artistas jovens, nos projetos coletivos de que participou desde bem moço, como o Espaço Coringa, de São Paulo, essencial à sua formação. É algo que ele estimula, por exemplo, no Instituto Acaia, também na capital paulista, onde tem sob sua responsabilidade um ateliê de xilogravura. Fabricio está convencido de que assim se pode reforçar a individualidade e, ao mesmo tempo, promover uma bem dosada diluição do autor.

“O que pode nascer da junção de nós dois?”, indaga ele. “O que pode nascer de algo que não é só meu nem só seu, mas que é parte constitutiva do que nós dois estamos criando?” O bate-bola é até didático, defende ele, na medida em que ajuda o artista a “construir uma obra que tenha saúde, que não esteja encarcerada em si mesma”. Fabricio explica: “Ajuda a saber quando é que você dá um mergulho solitário, consegue ir lá no fundo e recolher aquela conchinha mais preciosa e, já meio sem ar,

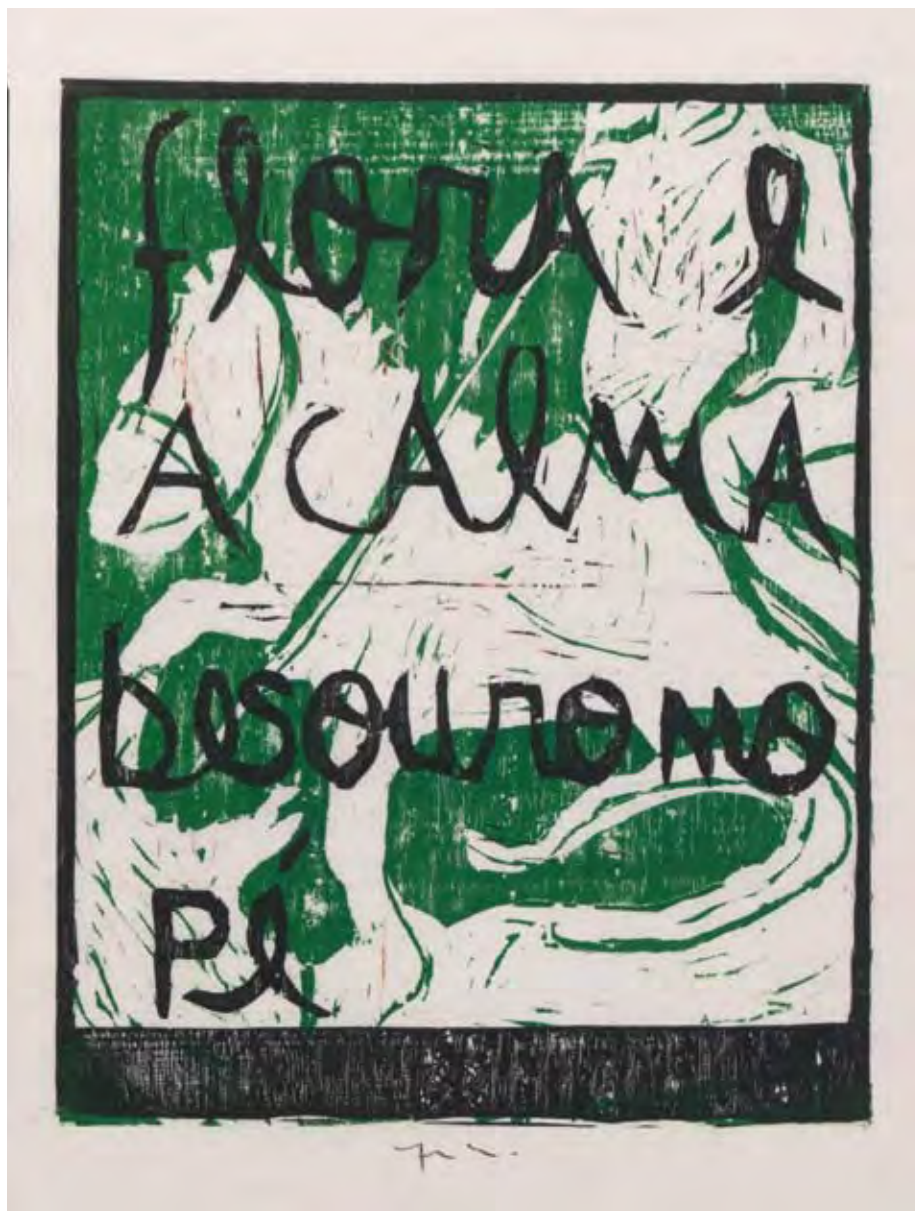
trazê-la até a superfície, e quando, ao contrário, você depende do outro para resolver problemas que sozinho não seria capaz de solucionar”. Esse fazer juntos, diz Fabricio, “é muito importante na criação, inclusive para não criar redutos de ego”.

Fácil não é, como ele próprio pôde uma vez mais constatar naqueles dias em Bezerros – durante os quais, aliás, não faltaram obstáculos a superar. Um deles, de ordem prática, foi conseguir material para cavar. Após muito rodar pela cidade, tudo o que se achou foram peças de piquiriá, madeira ingrata, de carne dura, e que ainda por cima não estava totalmente seca. Bem diferente do louro-canela com que J. Miguel tem tanta intimidade, e mais ainda da inigualável umburana, ou imburana, macia, cooperativa. Mas o que se tinha era piquiriá, e com ele os dois artistas se lançaram ao trabalho, que aos poucos começou a andar. “Eu vou fazer um fundo”, sugeriu Fabrício numa ponta da mesa, “e você faz uma imagem para ir sobreposta à minha, em primeiro plano.” O risco, lembra ele, era que daí nascessem imagens de natureza tão distinta que fossem incompatíveis, “como água e óleo”.

Mas não: sobre a flor vermelha de Fabricio pousou suave o beija-flor de J. Miguel, no que talvez seja a mais bem-sucedida das quatro xilogravuras que os dois criaram em Bezerros. “Tinha que ser beija-flor para dar certo”, alegrou-se J. Miguel, por fim embarcado na aventura que no início o deixara de pé-atrás, e que para Fabricio Lopez não foi menos gratificante. “A coisa é meio batida”, resume ele, “mas são lições de simplicidade mesmo: ver como o outro entende e faz uma coisa que você também gosta tanto de fazer.”



J.Miguel, 2010
sem título
xilogravura
41 x 31,5 cm



Fabrício Lopez 2010
sem título
xilogravura
41 x 31,5 cm

1,2,3 Fabrício Lopez e
J. Miguel 2010

4 J. Miguel 2010



1



2



3



4



J. Miguel, 2010
O dia da caça
xilogravura
59 x 38,5 cm



J.Miguel, 2010
O galo valente
xilogravura
57 x 37,5 cm



J.Miguel, sem data
O sertanejo e a onça
xilogravura
54,5 x 29 cm



J.Miguel, sem data
Agarra da onça
xilogravura
54 x 34 cm



J. Miguel, 2010
O político
xilografia
45 x 55,5 cm



J.Miguel, 2010
O homem do troca-troca
xilogravura
44 x 55 cm



J. Miguel, sem data
Quadrilha
xilogravura
41,5 x 54,5 cm



J. Miguel, , sem data
O farol de Olinda
xilogravura
36,5 x 56 cm



J.Miguel,sem data
Brincando de soltar pipas
xilogravura
51 x 30 cm



J.Miguel, 2010
Artes e xilos
xilografura
56 x 42 cm



J.Miguel, sem data
O sonho do gavião
xilogravura
56,5 x 30,5 cm



J. Miguel, sem data
O dragão e a princesa
xilogravura
34,5 x 55,5 cm



Fabricio Lopez 2007
sem título
xilogravura
107 x 77 cm



Fabrício Lopez 2007
sem título
xilogravura
107 x 77 cm



Fabrício Lopez 2007
sem título
xilografia
107 x 77 cm



Fabrício Lopez 2007
sem título
xilogravura
107 x 77 cm



Fabrício Lopez 2007
sem título
xilogravura
107 x 77 cm



Fabrício Lopez 2007
sem título
xilografia
107 x 77 cm



Fabrício Lopez 2007
sem título
xilogravura
77 x 107 cm



Fabrício Lopez 2007
sem título
xilogravura
77 x 107 cm



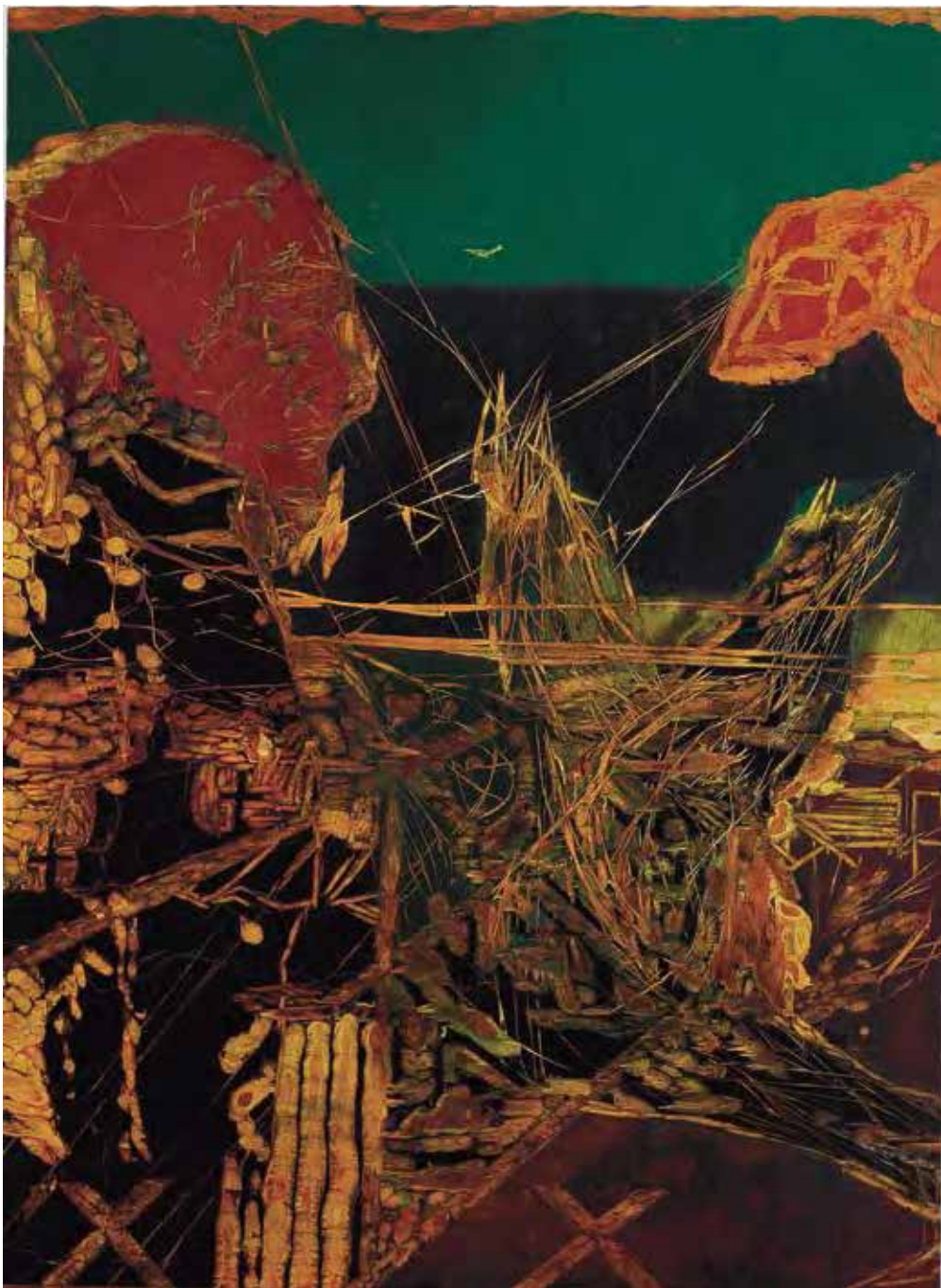


Fabrício Lopez 2007
sem título
xilogravura
220x 480 cm



Fabrício Lopez 2007
sem título
xilogravura
107 x 77 cm

Fabrício Lopez
2008/09
série O Galo e a sálvia
220 x 160 cm



Aproximações, xilogravuras de
Fabrizio Lopez e J. Miguel 2010

capa
Fabrizio Lopez e J. Miguel
xilogravura
41 x 31,5 cm

Curadoria
Germana Monte-Mór e
Humberto Werneck

Textos
Vilma Eid
Humberto Werneck

Montagem
Vilma Eid
Germana Monte-Mór
Evandro Edson Couto

Fotos
Germana Monte-Mór

Reprodução de obras
Germana Monte-Mór páginas:
João Liberato páginas:
Isabella Matheus página

Desenho gráfico e produção
Germana Monte-Mór

Revisão de texto
Otacílio Nunes

Secretaria de produção
Giselli Mendonça Gumiero
Lilian

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Véio: esculturas/texto e curadoria Paulo
Monteiro; Vilma Eid texto; fotos Germana
Monte-Mór. -- São Paulo: Galeria Estação, 2010.

“Exposição 11 de março a 22 de maio 2010”.

1. Arte popular - Brasil 2. Artes plásticas 3.
Escultores - Brasil 4. Esculturas - Arte -
Exposições - Catálogos 5. Santos, Cícero Alves dos
I. Eid, Vilma. II. Monte-Mór, Germana.

10-01510

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Esculturas : Artes plásticas : Exposições:
catálogos 730

Presidente de Honra
Janete Costa *in memoriam*

Presidente
Vilma Eid

Vice-presidente
José Roberto Maluf Moussalli

Diretor Financeiro
Antonio Carlos Tarantino

Presidente do Conselho
Aloísio Cravo

Conselheiros
Cônego Severino Martins da Silva Filho,
Elisabeth Maria Scheichl, Helena Sampaio,
José Nêumanne Pinto, José Roberto Gusmão,
Olga Gil, Ricardo Eid Philipp, Ricardo Ohtake

apoio



Impressão e acabamento
Lis Gáfica



Galeria Estação
rua Ferreira de Araujo 625 Pinheiros SP 05428001
fone 11 3813 7253 www.galeriaestacao.com.br



GALERIA ESTÇÃO